

# 4<sup>a</sup> Parte

---

**Discursos**

## Saudação a Luciano Maia

Artur Eduardo Benevides

A Academia concedeu-me a honra de vos saudar nesta solenidade, quando ingressais, como Titular da Cadeira nº 23, em nossa veneranda Instituição, na vaga ocorrida com o falecimento do inesquecível companheiro FLORIVAL SERAINE, cujo Patrono é a figura patriarcal de JUVENAL GALENO, o sempre lembrado autor de LENDAS E CANÇÕES POPULARES.

As Academias, em todos os países, são autênticas catedrais de cultura, a acolher, sob o clarão secular de suas luzes, aqueles que se destacam nas Ciências e nas Letras, através da alta significação e merecimento de sua produção intelectual.

E porque Poeta sois e falais com o poder oracular de vossos versos, sem clichês e adornos hiperbólicos já condenados por Hoelderlin, criando poemas de rara beleza conteudística e formal, apraz-me o ato de saudar-vos, ainda mais pelas afinidades existentes entre os que servem à Poesia, a um só tempo linguagem, catarse, mimese, memória do tempo, celebração, transfiguração de temas, registro da visão do mundo, reinvenção do ser, paixão, tédio, exílio, idílio, réquiem, pastoral e seresta, ou o ato de escrever esperanças e saudades nos muros da vida, com as metáforas que Aristóteles chamou de “enigmas velados”. E tudo isso para que o eterno sinta o clamor da efemeridade da condição humana, já referida por aqueles que, desde as rapsódias gregas, dos *fabliaux* e das *chansons de geste*, passando pela gaia ciência provençal, por *l'uomo universale*, da Renascença, pelo *dolce stil nuovo*, por Dom Luís de Argote y Gôngora, pelo *Sturm und Drang* dos alemães, pelos alumbramentos do Romantismo e o eu-profundo do Simbolismo, até chegar aos nossos dias, em meio à infindável *querelle des anciens et de modernes*, cobriram, todos eles, o seu dorso literário com aquele “manto diáfano da fantasia” referido por Eça de Queiroz e que se destaca em Homero, Calderón de La Barca, Cervantes, Dante, Milton, Shakespeare,

---

Discurso proferido em 12 de maio de 1999, na sede da ACL.

Goethe, Verlaine, Valéry, Wordsworth, Keats, Walt Whitman e tantos mais que se serviram das palavras em estado de criação continuada, enquanto Rilke desenhava a sua solidão nas *Elegias de Duíno*, Fernando Pessoa enxergava o Quinto Império e o grande Mar Português e o nosso Jorge de Lima lembrava ao mundo a *Invenção de Orfeu*, no cumprimento daquela verdade contida no *Eclesiastes*, segundo a qual “fazer livros não tem fim”. E a Literatura é o ponto mais alto e mais belo da cultura, refletindo o espírito humano em sua universalidade.

Não é hora, porém, de explanações de natureza crítica sobre a quiddidade de vossa poesia, ou sua essência maior e condições determinantes, assunto que, na Idade Média, já preocupava os pensadores escolásticos. Mas, é certo que o Canto Poético, elogiado por Santo Agostinho, ao lado do Canto Místico, ou Sacro, como algo que nos aproxima de Deus – (e Raíssa Maritain diria mais tarde que os poetas são colaboradores de Deus) – encontra em vós uma expressão séria, contida, sóbria e pura, o que amplia, legitimamente, Sr. Acadêmico Luciano Maia, a poeticidade de vossa obra de caráter universal e telúrico, como a mensagem de um Poeta que trabalha, com a maior consciência, os seus filamentos tectônicos e inspiratórios, construindo poemas autênticos em forma e conteúdo.

Versejais, com mestria, em português, espanhol, italiano e romeno, não desprezando, em muitos momentos, os modelos rítmicos dos jograis nordestinos, criadores dessa coisa lindíssima que se chama Galope Beira Mar, talvez de origens longevas ou grandevas. A vossa temática abrange o sofrido sertão cearense, o heroísmo da Confederação do Equador, o verde mar, os céus escampos, a liberdade, o discurso amoroso, os verões da vida, a apóstrofe por vezes violenta, os alpendres do sonho, as insônias enluaradas, a inteligente ironia, o Mucuripe, o Cais Bar, o Estoril, o ouro do sol dos Inhamuns, a beleza do quebrar da barra, o vento rouco, áspero e apressado, as ruas ensombradas, as feiras com a “missa dos legumes”, os domingos adolescentes, os olhos das manhãs, as pautas das estrelas, as pequeninas igrejas, os mortos, o Atlântico, os velhos galeões e, como se não bastasse tanta coisa bela, pedis “urgente um soneto”, para ampliar o vosso encontro com a Poesia, certamente oculta nos sonhos de Mariana, ou guardada, talvez, no esplendor do Sete-Estrelo....

E aí estão livros que vos consagram: *Um Canto Tempestado*, *Jaguaribe – Memória das Águas*, *Sol de Espavento*, *Nau Capitânia*, *Neruda – Canto Memorial* e *Rostro Hermoso*, entre outros, ao lado de excelentes ensaios e traduções.

Sabeis, melhor do que ninguém, que a Literatura, sendo, como é, uma recriação da fábula da vida, compõe-se de nossas vivências pessoais, de parábolas e fragmentos sobre o ser, o espaço e o tempo, e dos frutos de nossa contemplação transfigurada pelo sentimento, dentro da intemporalidade dos grandes temas, destacando-se a perdição das cousas e o longo adeus que envolve, qual serpente invisível, o nosso *way of life*. E daí se infere a transcendência da missão do Poeta e do Escritor, cujo ofício milenar constrói uma alegoria do real e do surreal. Se a Literatura, no conceito dos teóricos alemães, deriva da *Weltanschauung*, ou mundividência, esta é que determina a multiplicidade temática na unidade criacional, baseada, a meu ver, em cinco elementos fundamentais: a legitimidade do talento; a cultura humanística do autor; a leveza no dizer ou no conceituar; a sobriedade e correção no estilo; e a profundidade na síntese interpretativa. O resto é literatura despicienda e não oferece a beleza que nos fascina quando lemos, por exemplo, uma fábula de Fedro, o “Cântico dos Cânticos” de Salomão, ou um Thomas Mann, um Claudel, um Joyce, um Tchekov, um Proust, um Bernanos, um Tolstoi, um Cervantes, um Camões (sobretudo o lírico), um Dante, um Mallarmé, um Longfellow, um Jorge Luís Borges, um Vicente Aleixandre, um Machado de Assis, um Alencar, um Guimarães Rosa. Literatura é a palavra a serviço da verdade e da beleza, escrita com a simplicidade de uma carta de amor, sem preocupações campanudas ou discursivas, sob a iluminação da metáfora e de vocábulos polivalentes. E a Poesia, como linguagem essencial, é um testemunho do espírito diante do tempo e da vida, sendo também a âmbula em que colocamos, comovidos, as cousas que vão morrendo, ou recriamos as imagens que se afastam como barcas perdidas sobre o mar, ou aquele leve adeus que jamais poderemos olvidar.

Sem pensar assim, não se faz Literatura, mas simples arremedos ou contrafações. E esse, bem sei, é também o vosso pensamento sobre o universo maravilhoso da palavra, tão poderoso que chega a enriquecer o espírito e a vida.

Se olharmos o espectro poético veremos que é imensurável. E são tantas as definições de Poesia que parecem, todas elas, parciais ou não abrangentes do maior fenômeno literário. Para Novalis, é o autêntico real absoluto; ou a álgebra superior das metáforas, no entendimento de Ortega y Gasset; a criação rítmica da beleza, segundo Albert Thibaudet; uma espécie de matemática inspirada, na visão de Ezra Pound; ou a arte verbal de comunicar experiências inefáveis, na lição de Otto Maria Carpeaux. Tudo, em última análise, é poema, escreveu Augusto Meyer, dependendo, naturalmente, do poder de transfiguração do poeta, o que nunca vos faltou, Dr. Luciano, que vindes agora participar de nossa centenária confraria intelectual e sois recebido com muita alegria.

A verdade é que de rosas, rios, mares, castelos, jardins, lendas, mitos, balcões floridos (sobretudo os de Verona e de Veneza), e de olhares fugidios, de plenilúnios e do camoniano longo amor para tão curta a vida, ou de natureza, de *locus amoenus*, de distâncias cada vez mais distantes e da proustiana busca do tempo perdido, ao lado de mágoas e saudades, está cheia a Poesia, de Homero a Eliot, de Thomaz Antonio Gonzaga a Augusto Frederico Schmidt, de José Albano e Gerardo Mello Mourão. E todos souberam cuidar da fluidez do sonho, ou da esperança, da *douleur de vivre*, da solidão do ser, da morte, do abismo, da noite, da fonte, das cousas gentis, dos navios partindo para as ilhas e do milagre renovado do amanhecer.

Entre os temas que podem ser apontados como aspectos discretivos de vossa obra, por ser um dos mais significativos, destaca-se o Jaguaribe – o rio dos jaguares – imortalizado na Literatura Cearense pela profonia que lhe dedicou Beni Carvalho; pelos versos de Demócrito Rocha chamando-o de “artéria aberta por onde escorre e se perde o sangue do Ceará”; e por vossa obra transcendental e telúrica em que o cantais com ternura, qual se fora uma criança em vossos braços embalada. Oh, quão maravilhoso é ter-se um rio na infância, ou se recordar a infância banhada por um rio!

Aí estão, entre muitos, o Amazonas, com seus igapós e igarapés, suas laras enluaradas, seus botos encantados e boiúnas gigantescas e lendárias; o Sena, a cortar, com suas águas cinzentas, a cidade de Paris, que, por si só, já é uma grande fonte de

saudade; o Reno, no coração da Alemanha, em cujas margens se pode ouvir ainda a voz de Lorelei; o Missouri, nascido nas Montanhas Rochosas, ou o Mississippi, que em língua algonquina significa "A grande Água", precipitando-se pelas cataratas de Santo Antônio e recebendo o desaguar de muitos afluentes e no qual, nos barcos aventureiros, na fase de colonização, os negros cantariam os seus belíssimos *blues* e tocantes *spirituals*, nas grandes noites em que tentavam recordar o amor perdido nas Áfricas distantes. E o nosso São Francisco, com suas histórias fantásticas, a iluminar com o poder das águas quase todo o Nordeste? E o Volga, junto às longínquas estepes, a inspirar tantas canções inesquecíveis, como aquela do Barqueiro, que um dia me emocionou profundamente, na voz inconfundível de Paul Robenson?

Mas, nenhum é mais importante do que o rio de minha aldeia, diria Fernando Pessoa sobre o Tejo, "porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia". E a verdade é que todos vivemos, em sonho, *super flumina Babylonis*. Cada um de nós tem o seu rio. O Governador Plácido Castelo, que foi membro de nossa gloriosa Academia, em discurso de posse lembrou o seu rio Banabuiú, onde tibungava, feliz, com os outros meninos. E usou, sem temor aos críticos de estilo, o brasileiro tibunhar, que é onomatopaico e tem o sinete da nordestinidade.

Tudo, porém, incluindo a vida, o sonho, o amor e a Poesia, é um rio, o último dos quais, mitologicamente, é o Lethes, que Lucano chamava de *deus tacitus*, o deus silencioso, em cujas águas as sombras dos mortos bebiam o esquecimento da vida. Na visão grega, era um dos últimos rios do Inferno. E não podemos esquecer o barqueiro Caronte, a transportar as almas para as margens do Estígio, sob o palor das névoas eternas.

Vós, também, Dr. Luciano, tendes o vosso rio, além dos imaginários, no curso dos sonhos, o que enriquece o vosso espírito. E por tudo o que criastes em Literatura, a Academia se rejubila com a vossa presença e confia na prestimosa colaboração de vossa inteligência criadora. Vosso currículo, aliás, indica a importância da formação cultural que tivestes: sois Bacharel em Direito, Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Ceará, Professor de Filologia Românica na jovem e dinâmica Univer-

sidade do Vale do Acaraú, além de inúmeros cursos realizados no exterior sobre Literatura Galega. E desempenhais, com proficiência, as funções de Cônsul da Romênia no Ceará.

Sois recebido, pois, com muita esperança, nesta Casa que há 105 anos trabalha, indormidamente, pela cultura cearense. Agora, com a vossa presença, temos novas razões para prosseguir, em que pese à existência de problemas e dificuldades inerentes à vida das instituições culturais do Nordeste. *Malgré tout*, existimos e resistimos, pois nos move um poderoso ideal: o de manter bem alto o nome literário do Ceará, que, pelo valor inequívoco dos nossos Poetas e Escritores, está entre os primeiros do Brasil.

E Deus vos guarde para o destino que tão bem sabeis exercitar em benefício de nossas Letras, dedilhando a lira de Orfeu, guardada, através dos séculos, no coração de todos os poetas, sob o luar eterno da beleza.

Com sincera alegria vos saudamos, nobre Acadêmico Luciano Maia. E nos damos parabéns a nós mesmos, desejando-vos permanentes êxitos em vossa jornada cultural, em benefício da Literatura Cearense.

Bem-vindo, pois, à Academia!